

ELAS DESAFIARAM O CÂNONE

Helena Parente Cunha
UFRJ

Em 1998, o CNPq encaminhou uma verba aos orientadores a fim de que a utilizassem com seus doutorandos bolsistas. Propus a meus orientandos e a alguns alunos dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro a realização de um livro de ensaios sob minha coordenação e organização. Tratava-se de estudos sobre autoras surgidas nos anos 70 e 80 do século XX e caracterizadas pelos questionamentos em torno do cânone comportamental e literário do eurocentrismo hegemônico. O livro *Desafiando o cânone*¹ foi publicado em 1999.

Satisfeita com o êxito dessa experiência, parti para um segundo projeto, voltado para escritoras do século XIX, especialmente as que, de modo mais contundente, enfrentaram os rigores ideológicos que haviam decretado para a mulher o confinamento no espaço doméstico. O *Desafiando o cânone (2)*², foi publicado em 2001. Os dois livros estão atrelados aos meus projetos de pesquisa aprovados pelo CNPq nos últimos biênios.

Já se tornou lugar comum a referência à crise do nosso momento histórico tão dividido e multidirecionado. Emmanuel Carneiro Leão, num dos últimos números da *Revista Tempo Brasileiro* (146), em artigo sobre a crise da ética, se refere ao atual regime da ditadura do lucro a

¹ CUNHA, Helena Parente (Org.), ABREU, Marcílio Ehms de; ALMEIDA, Márcia de; BARBOSA, Adriana Maria de Abreu; BRANDÃO, Lucília Soares; CARVALHO, Cláudio; CASTANHEIRA, Cláudia; FONTES, Aparecida; KAUSS, Vera Lúcia Teixeira; PAULA, Laura da Silveira; ROCHA, Luiz Carlos Moreira; WADDINGTON, Claudius Bezerra Gomes. *Desafiando o cânone. Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e no verso (70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

² CUNHA, Helena Parente (Org.), BARBOSA, Adriana Maria de Abreu; BERNARDINO, Sonia; CARVALHO, Cláudio; CASTANHEIRA, Cláudia; FONTES, Maria Aparecida Rodrigues; MENDONÇA, Maria Helena; MONTEZ, Ângela; PAULA, Anna Beatriz da Silveira; RAMALHO, Christina; ROCHA, Luiz Carlos Moreira. *Desafiando o cânone (2). Vozes femininas da literatura brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001

qualquer preço, no qual o grande desafio do pensamento é questionar o milênio que se esboroou e interrogar o século que findou. Esta consideração explica em parte o interesse crescente pelas pesquisas sobre as escritoras do passado em cursos de letras de várias universidades brasileiras. Além disso, faz parte das multifacetadas tendências do pós-modernismo a valorização do passado em diálogo com o presente. Certamente, pesquisar a produção dessas autoras contribui para um melhor entendimento do que se está produzindo hoje.

O mergulho no passado praticado no vasto projeto de resgate não se justifica por saudosismo, em busca de ilusórios melhores dias, como tantas vezes acontece, quando o olhar se volta para trás. Corresponde muito mais a uma expectativa de entendimento para a questão da identidade, em reação natural aos efeitos do trator globalizante que achata as especificidades locais e as subjetividades particulares.

Apresentarei uma visão geral do *Desafiando o cânone* (2), destacando os aspectos indicadores do quanto as autoras selecionadas estiveram à frente do seu tempo.

A revolucionária NÍSIA FLORESTA (1810, Rio Grande do Norte), estudada por *Maria Helena Mendonça*, recém-doutora, foi poetisa, ficcionista, ensaísta, cronista, educadora, viveu na França, onde manteve amizade com Augusto Comte. Ainda na primeira metade do século XIX, em condições tão desfavoráveis para a mulher, ela defendeu mudanças sociais avançadas. Publicou a "tradução livre" da obra de Mary Wollstonecraft com o título *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, verdadeiro manifesto feminista. Esse livro e o *Opúsculo Humanitário* tornaram Nísia Floresta precursora na defesa dos "direitos da mulher brasileira" e da educação, indispensável para a independência feminina. O longo poema *A lágrima de um Caeté* aponta a exploração do índio brasileiro pelo colonizador português, enquanto "Páginas de uma vida obscura" aborda a questão da escravatura.

MARIA FIRMINA DOS REIS (1825, Maranhão) foi analisada por *Luiz Carlos Moreira Rocha*, recém-doutor. Apesar da condição de afro-descendente e bastarda, numa província distante da Corte, atingiu elevado nível de educação, chegando a fundar uma escola mista. Talvez a maior ousadia de Maria Firmina seja o romance *Úrsula* (1859), considerado a primeira narrativa brasileira a apresentar os escravos dotados de voz, desconstruindo a imagem dos negros desprovidos de inteligência e de memória, portanto, animalizados. Tampouco fez a representação do “negro de alma branca”, passivo, submisso e subserviente, conforme queria o colonizador, por força da exploração. Muitos dos valores defendidos por Maria Firmina só foram reconhecidos de fato a partir do movimento negro, um século depois. No romance *Úrsula*, os africanos e afro-brasileiros são cômicos de sua herança cultural, conservando a memória da liberdade vivida numa África idílica e lendária. Nesse contexto, a africanidade surge como marca de identidade cultural, esperança no futuro.

A doutoranda *Maria Aparecida Rodrigues Fontes* estudou duas poetisas formadas dentro do ideário romântico. JÚLIA MARIA DA COSTA (1844, Paraná) impregnou seus versos com o espírito alemão do *Sturm und Drang*. E AMÁLIA DOS PASSOS FIGUEIROA (1845, Rio Grande do Sul) retomou a presença da natureza, proveniente dos poetas do sul da Europa. As novas concepções favoreceram a propagação do casamento por amor, ao invés de por conveniência, originando um modelo de família, em que a mulher, exaltada como nunca antes, perversamente fora promovida à rainha do lar e responsável pela educação dos filhos, pelo bem estar da família e da grandeza da pátria.

Júlia da Costa e Amália Figueiroa, embaladas pelas fantasias do amor romântico, foram vítimas da decepção ante a realidade frustrante. Num casamento arranjado com um homem mais velho, Júlia viveu a solidão e o desprezo que se expressam na melancolia de seus versos. Gostava de chocar a opinião pública, pintando excessivamente o rosto, as unhas, os cabelos. Morreu

louca e enclausurada em casa. A frustração maior de Amália teria sido o abandono do noivo que se reflete na tristeza dos versos. Mas tinha consciência da necessidade da participação política da mulher e acompanhou as campanhas republicanas, abolicionistas e feministas. Morreu aos 32 anos, vítima de tuberculose, como tantos outros poetas românticos.

NARCISA AMÁLIA (1852, Rio de Janeiro), pesquisada pela doutoranda *Christina Ramalho*, foi das autoras oitocentistas mais valorizadas pela crítica. Pertencente à família de idéias liberais, aos treze anos, entregou-se a um jovem, com quem se casou e por quem foi abandonada poucos anos depois. Aos vinte anos, publica seu único livro de poemas, *Nebulosas*, no estilo romântico, tendo recebido elogios, prêmios e homenagens. Publicou em jornais poemas e artigos em que manifesta suas idéias políticas liberais voltadas para as mudanças sociais e em prol da emancipação da mulher, sobretudo através da educação. Sofreu críticas das fileiras monarquistas e escravocratas que condenavam a sua fala imprópria para o recato das senhoras. O imperador Pedro II a admirava e a visitou, mesmo ciente de suas idéias antimonarquistas. Narcisa passou a dedicar-se ao magistério e aos cinquenta anos de idade estava afastada do movimento literário. Esquecida, cega e parálítica, morre em 1924.

O doutorando *Cláudio Carvalho* escreveu sobre o romance *Celeste* (1883) de MARIA BENEDITA BORMANN (1853, Rio Grande do Sul), pseudônimo Délia. Segundo Cláudio, com o objetivo de criar um libelo contra as hipocrisias sociais da época e denunciar a opressão das mulheres, o romance peca pela adesão excessiva à estética do naturalismo. Inicialmente, o romance mostra Celeste mergulhada no sonho romântico do casamento por amor, para em seguida demonstrar sua insustentabilidade. A protagonista se casou com o homem que amava e acreditava ser correspondida, porém o marido possessivo e a reclusão da mulher no espaço do lar destruíram seus sonhos, levando-a à devassidão e depois à loucura e à morte. O desejo sexual da

protagonista revelou-se muito cedo, uma espécie de manifestação patológica precoce e sua histeria aparece como resultante de fatores hereditários e condições sociais circundantes.

Adriana Maria de Abreu Barbosa, recém-doutora, examinou a poesia de ADELAIDE DE CASTRO ALVES GUIMARÃES (1854, Bahia), irmã de Castro Alves. O erotismo dos poemas de amor se expressa abertamente na fala do corpo e do desejo. Dos seus dois livros, *O imortal: versos de outrora* foi publicado tardiamente e o outro, após sua morte, *Arpejos em surdina*. Vem a tentação de supor que, devido à tanta ousadia, a poetisa não quisesse enfrentar os censores do comportamento feminino, além da responsabilidade de ser irmã do poeta e esposa de um jornalista ilustre, Augusto Álvares Guimarães. Apesar de publicado em 1933, para Adriana, *O imortal: versos de outrora* teria sido escrito antes, por conta das visíveis influências românticas e simbolistas. Transcrevo versos da parte intitulada “Grupo de meretrizes”, retirada do poema dramático “Amor”, em que as vozes das margens falam do desejo carnal:

*Entre o prazer e a luxúria / A minha vida desliza.../ Adoro-te ainda em fúria.../ Fiz de ti minha divisa /
.../ Só por ti vivo gozando.../ Todo o mal de ti me venha! / Abro o meu peito ao teu mando / Pois tú és a
minha senha! / A senha que abre as portas / Da morada dos desejos.../ Que dá vida às fibras mortas /
Nos amavios dos beijos!... /.../ Pela calada da noite / Os astros tremem de frio / Do teu afago ao açoite
/ Corra-me intenso o arrepio / Dá que ao gozo impenitente / Minha alma se entregue louca... / Dos
beijos à sede ardente / Seja fonte a minha boca!...
(Desafiando o cânone (2), p. 120)*

Adriana fala do despudor da entrega e da unanimidade nas enunciações acerca do amor que representa algo que foge à razão e consome os sentidos, deixando o enamorado à mercê de sensações paradoxais expressas em imagens de abismo e luz: “Maryposa”

*Da pyra em derredor que o amor destro acendia, / Ela adejando audaz irónica se alteia /E o riso de
desdem que a chama douda ateia, / Ao lume caprichoso incauto desafia.... / Rubra, ardente, veloz a
flama se estendia: / Subtil beijou-lhe os pés... aos flancos serpenteia.../ Enlaça-lhe a cintura... o seio
contorneia... / Pela nuca se enrosca... a espádua acaricia.../ Já mais perto, mais perto a temerária
passa... / E a labareda sobe! Oscula a bôca insana... / A pupila ferrara altiva delirante! /
Rente, atônita, rente a mísera esvoaça!.../ E do amor a atracção atracção soberana /
Ao abysmo de luz arrasta-a triunfante!...
(Idem, p. 124)*

Adelaide sugere certas desmesuras das paixões e dos desejos inconscientes, entre eles o desejo de morrer de amor. A sensualidade da sua imagística desafia os mandamentos inscritos com letras de fogo nos estatutos patriarcais que proibiam as mulheres de sentirem desejo e prazer. Não podiam falar em sexo e escrever significava a execração.

A mestranda *Sônia Bernardino*, recém-mestre, estudou EMÍLIA FREITAS (Ceará, 1855) e seu romance *A Rainha do Ignoto* (1899), pertencente à modalidade genérica do fantástico e figurando entre as primeiras, senão a primeira obra de ficção brasileira a tratar da hipnose e da parapsicologia. A Rainha é uma personagem lendária, habitando um palácio encantado na também encantada Ilha do Nevoeiro. Dotada de grandes poderes, recorre à magia, a fim de cumprir sua missão ao lado das paladinas empenhadas em reparar injustiças. A Rainha abriga desamparados, enfermos e protege mulheres de maus tratos e traição dos maridos. A poderosa Rainha era o ser mais angustiado e desesperado da Ilha, pois possuía um rico palácio, mas não tinha lar nem família, terminando por suicidar-se. Paralela à história da Rainha, transcorre a vida num povoado, onde prevalecem os valores tradicionais. Ali habita Edmundo que, no final, alcança a felicidade conjugal com Carlotinha, modelo de virtude para os padrões burgueses. Sonia termina com uma pergunta: “Por que a história narrada que, em tantos episódios, desafiou paradigmas cristalizados, volta ao modelo familiar estrutural sustentado pelos valores tradicionais da sociedade burguesa?”

A mestranda *Ângela Montez* analisou a obra de ALEXANDRINA DA SILVA COUTO DOS SANTOS (1859, São Paulo), deixando expresso seus agradecimentos à prof^a. Ana Helena Cizotto Belline e ao Sr. Luiz Carlos Figueiredo que lhe permitiram o acesso ao manuscrito, onde se encontram poemas e aforismos seus e de outros autores, assinados ou não, o que dificulta determinar a sua obra que pôs em xeque os valores da classe social a que pertencia, a burguesia

nacional então emergente, atingindo ainda outras classes sociais. Transcrevo o poema “Reformas”:

Está na ordem do dia / Causando a todos surpresa, / Um membro da Academia / De rara sutileza! / Detesta a língua Francesa; / A Portuguesa o enfastia; / Declara horrível a Inglesa, / E à Alemã renuncia. / Usa outras línguas, portanto: Para falar, o Esperanto, / Que com amor aprofunda; / E, para assombro do mundo, / Nos seus artigos de fundo / Só se utiliza da Bunda...
(Desafiando o cânone (2), p. 152)

Aí Alexandrina ridiculariza o pedantismo de um membro da Academia e faz um trocadilho que explora os significados da palavra *Bunda*, parte do corpo e língua africana, sugerindo outras possibilidades interpretativas. Transcrevo o poema “De um jornal”:

Do Centro o bom presidente / Vedou os sócios a entrada; / Por isso está descontente / A bela rapaziada. / Porque ficar tão zangada? / Não tem razão essa gente, / Pois que a medida tomada / Foi bem sensata e prudente; / Em pormenores não entro: / Mas o Ponciano Cabral / Teve razão, afinal, / Temendo que o pessoal / Pilhando moças lá dentro, / Fosse meter-se no Centro...
(Idem, p.157)

Num texto bastante picante, a autora joga com a ambigüidade da palavra *Centro*. Observe-se a introdução do corpo como tema, nos poemas de Alexandrina que ridiculariza personagens retratando-os como anti-heróis em fusão com o considerado mundo rasteiro e inferior do corpo. Através do seu riso debochado, a poetisa subverteu a lírica tradicional e a dicção romântica, fruto do olhar burguês masculino e denunciou as perversas inscrições ideológicas traçadas com a ascensão da burguesia. Parodiando Gregório, Ângela chama Alexandrina Boca do Inferno.

Entre tantos desafios ao cânone comportamental realizados pelas autoras mencionadas, talvez Alexandrina seja a que tenha ido mais longe na acusação das discrepâncias paradoxais do seu tempo. Essa modalidade genérica não é muito comum na escritura feminina da época, onde prevalece o envolvimento do tom intimista, enquanto o riso da sátira pressupõe um julgamento e, portanto, distanciamento do objeto.

FRANCISCA CLOTILDE (1862, Ceará) teve seu romance *A divorciada* (1902) examinado pela doutoranda *Cláudia Castanheira*. A vida de Francisca Clotilde apresenta uma série de transgressões ao modelo imposto ideologicamente. Embora oficialmente casada, seus quatro filhos foram de outro homem, um intelectual com quem teria vivido um amor proibido. Poetisa, dramaturga, romancista, professora, jornalista, a primeira mulher a assumir o cargo de professora na Escola Normal de Fortaleza. Além do romance, Francisca Clotilde é autora de um livro de contos, um livro didático, duas peças teatrais e uma coletânea de artigos que testemunham suas idéias arrojadas e a adesão aos projetos abolicionistas e republicanos.

O romance *A divorciada* aborda um tema tabu para a época, sobretudo se através do olhar feminino. A bela e virtuosa Nazaré conhece Chiquinho, excelente rapaz, porém pobre e inculto. Com o surgimento de Artur, Nazaré vê-se dividida entre a idealização romântica do amor com o rapaz pobre e as brilhantes perspectivas ao lado do bacharel. Depois do casamento, Artur revela natureza violenta e criminoso. Em silêncio e resignada Nazaré tudo suporta pelo bem da família, até o momento em que a separação se torna inevitável. Depois Nazaré perdoa o marido no leito de morte e se casa com Chiquinho. A desgraça de Nazaré e Artur aponta para a falência do casamento realizado sobre as bases do modelo econômico, enquanto a feliz união de Nazaré e Chiquinho sinaliza para a vitória do amor romântico, defendendo a escolha livre dos cônjuges.

Maria da Glória, a bela prima de Nazaré, expulsa de casa pelo marido muitas vezes traído, representa o grau máximo da transgressão feminina. Glória morre leprosa, com a beleza de outros tempos desfigurada. De acordo com a moral vigente, se é através do corpo que a mulher transgredir, é no corpo que deve ser sua punição. Apesar das concessões, Francisca Clotilde está à frente do seu tempo e, corajosamente, defende o divórcio como solução para o casamento fracassado, posição que somente quase um século depois foi legalizada no Brasil.

A doutoranda Ana Beatriz da Silveira Paula optou por estudar algumas poetisas que corajosamente abordaram o tema da escravidão. AMÉLIA RODRIGUES, baiana, começou a escrever em 1879, tendo publicado em vários periódicos. Ana Beatriz cita a estudiosa Ivia Alves a fim de mostrar como Amélia Rodrigues fornece uma visão bem peculiar da questão racial na sociedade baiana, por não pertencer à aristocracia -- era branca, mas pobre, enquanto muitas escritoras suas contemporâneas pertenciam a uma elite comprometida diretamente com a estrutura escravista. Eu pessoalmente levo muito em consideração a audácia dessas autoras das classes mais elevadas, ao enfrentarem publicamente os preconceitos e severas censuras dos seus pares. De Amélia Rodrigues transcrevo “Verso e reverso”:

Faz anos hoje a filha do senhor; / Tudo é prazer nas salas do sobrado; / Das janelas través o cortinado, / Sai em jorros a luz passa o calor. / Recende fora do banquete o odor; / Soa em trilos o piano bem tocado; / E os gorjeios de um canto apaixonado / De rouxinol, nos lábios de uma flor. / Mas, enquanto lá dentro a festa, a dança, / Brindes, discursos, riso, intemperança, / Misturam-se ao fragor de urras e bravos, Do engenho em negro e imundo calabouço, Presos num tronco vil pelo pescoço, Gemem, tintos de sangue, alguns escravos...

(Desafiando o cânone (2) p. 180)

IGNEZ DE ALMEIDA PESSOA, casada com o poeta Amaro Pessoa, além de culta, participou intensamente da luta abolicionista. Transcrevo “O canto do escravo”, em que o sujeito da enunciação poética é o próprio escravo:

Sorte maldita cruel / Me perturbas a razão / É horrível suportar-se / O jugo da escravidão / Num oceano de horrores / Vai meu peito se afogando. / Aonde estais, Liberdade? Quando serás minha, quando? / Sorvendo o fel do infortúnio / Implora sempre ao senhor; / Minh'alma triste abatida / Do suplício à negra dor. / Deus do céu, compadecei-vos / De minha infelicidade; / O tronco, os ferros me abatem, / Ah! Que horror! Que crueldade! / Prazer não tem nesta vida / A vítima da escravidão / Nunca pode alegre estar / Quem sofre tal maldição.

(Idem, p. 181)

ERNESTINA UCHOA foi membro da Diretoria da Sociedade “Ave Libertas”, um dos grandes grupos que lutaram em prol da Abolição em todo o território brasileiro. Formado exclusivamente por senhoras, em sua maioria pertencentes à aristocracia nordestina, o grupo

participou na divulgação dos ideais abolicionistas e feministas. No poema “Ave Libertas”, publicado em 1885, a autora dá à luta abolicionista um caráter patriótico.

À proporção que se abrem horizontes de visibilidade para a produção das escritoras do passado, também nossos questionamentos e questões do presente ganham nova luz. A escuta daquelas vozes abafadas e discriminadas atende aos requisitos da Nova História, consciente da importância de saber o que dizem os que ficaram à margem das decisões políticas. Pode-se afirmar que a conscientização daquelas pioneiras preparou o terreno para o resgate de outros segmentos alteritários marginalizados pelo discurso falocêntrico.